

CAROLINE PAGÈS GALLERY // COMUNICADO DE IMPRENSA



Alguns utensílios usados na preparação da exposição. © Armanda Duarte, 2012

Armanda Duarte

Desculpa, grilo, roubei a tua casinha

Inaugura Sábado, 29 de Setembro, das 18h às 21h

29 de Setembro - 24 de Novembro, 2012

Caroline Pagès Gallery

Rua Tenente Ferreira Durão, 12 – 1º Dto.

[Campo de Ourique]

1350-315 Lisboa, Portugal

T [+351] 21 387 33 76

M [+351] 91 679 56 97

gallery@carolinepages.com

www.carolinepages.com

Horário: Aberto das 15h às 20h, excepto Domingos, e por marcação.

Divisão, trabalho e proporção.

No trabalho de Armanda Duarte encontramos frequentemente sinais de um compromisso entre o objecto que reconhecemos e esse mesmo objecto como um outro, sujeito a uma prática artística sistemática, metódica e austera. Por vezes, essa sensação de austeridade reside em acções, cujo resultado tem uma aparência simples ou despojada, que a artista desenvolve como uma tarefa que tem um objectivo preciso, ao qual subjaz uma articulação muito estreita entre o seu pensamento e a relação deste com o significado dos objectos e as qualidades dos materiais de que são compostos, evidenciando uma necessidade decorrente de os manusear e transformar.

Esta prática, presente em peças como *Action Line* (1999) ou *Meio Caminho* (2009), por exemplo, é uma linha constante e estruturante da sua obra, no sentido em que todo o trabalho tem uma densidade poética e conceptual muito forte, contudo reduzida ao essencial e apartada de dispositivos ou artifícios que não sejam absolutamente necessários à obra que nos confronta. Por outro lado, os materiais utilizados denunciam a fragilidade aparente da manufatura e conferem à exposição

uma memória da experiência do *atelier*, permitindo-nos trespassar a condição, por vezes exaltada, da exposição como um lugar atípico e incondicionalmente distante das relações que o espectador pode construir a partir da obra de arte.

Nesta exposição, intitulada "Desculpa grilo, roubei a tua casinha", Armanda Duarte apresenta um conjunto de trabalhos orientados segundo uma razão proporcional (e métrica) de origem matemática, que conduz a sua pesquisa e consequente actividade relectora, bem como os procedimentos e decisões que constituem todo o processo de trabalho. Alguns dos títulos das obras expostas são exemplificativos deste mesmo processo: "peso líquido", "peso escorrido" ou "cópia de um prato raso". Nesta última, a artista duplica um prato de faiança sobre tecido de algodão. A peça final resulta de uma moldagem que adquire a forma original do objecto doméstico e é assumida como um desenho de modelo, numa prática que se refere ao "desenho à vista". Nos dois outros exemplos apresentados, a noção de peso convoca em primeiro lugar uma actividade doméstica e quotidiana, reforçada pelo facto de os materiais (feijões, laranjas, latas de conserva, etc.) serem habitualmente usados nesse contexto. Tanto "peso líquido" como "peso escorrido" vão buscar o nome e peso às indicações inscritas nas embalagens que antes os continham. Acresce a este sistema de relações o uso da cor, como por exemplo o pó de pedra com tonalidades avermelhadas, próximas da cor do feijão encarnado, produto de procura e recolha no espaço exterior e de uma acção (uma tarefa) física continuada e repetida até esmagar a pedra por completo, transformando-a em pó, recuperando assim a manufactura artesanal empregue noutras práticas mais antigas, como a preparação de um pigmento.

Seguindo a mesma metodologia, Armanda Duarte mostra um monte de terra sobre um plástico aberto. Esta obra, intitulada "Abertura", resulta da planificação do saco de plástico que continha toda a terra que podemos observar, e confronta-nos de forma surpreendente com uma situação definitivamente ilusória, no sentido em que desconstrói a noção de medida, volume ou equivalência, alterando a partir da nossa percepção modelos e cânones que apreendemos. Contudo, a artista toma como ponto de partida acções e práticas comuns, sem perder de vista uma forte componente poética e uma noção, quase física, do desenho como modulador do pensamento e da prática artística.

O título desta exposição é a pedra de toque que nos põe à prova perante a desconstrução e inversão de um universo próximo e familiar, que de súbito parece desaparecer do universo das nossas convicções.

João Silvério

Setembro 2012

Armanda Duarte (Portugal 1961) é formada pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa e expõe regularmente em Museus, instituições, bienais, galerias e espaços independentes em Portugal e no estrangeiro. *Desculpa, grilo, roubei a tua casinha* é a segunda exposição individual da artista na Galeria Caroline Pagès.

As suas mais recentes exposições individuais foram *Três degraus, uma laje* com curadoria de Bruno Marchand, em 2010, no Chiado 8, Lisboa, *Uma Combinação (2)*, no Centre d'Art La BF15, em 2009 na cidade de Lyon, França, e *Uma Combinação*, comissariada por Francisco Vaz Fernandes na Plataforma Revólver, Lisboa, 2008.

Colectivamente participou recentemente na exposição itinerante *Zona Letal, Espaço Vital* - obras da CGD, com curadoria de Sara Antonia Matos, no MACE (Elvas), Museu Municipal de Tavira e Museu da Imagem em Movimento (Leiria) entre 2011 e 2012, na exposição *Res Publica*, com curadoria de Helena de Freitas e Leonor Nazaré, na Fundação Gulbenkian (2010) e em *A Luz, Por Dentro*, na Quinta da Fonte da Pipa, Loulé, com curadoria de João Silvério (Programa ALLGARVE 2009)

Também expôs no Centro Cultural de Lagos (*Armanda D., Ângela F., Ana V., Fernanda F., Maria L., Susanne T.*, comissariada por Alexandre Barata, 2007) e no Palácio de Belém (*Jardim Aberto*, comissariada por Filipa Oliveira, 2007). Desde 2000, a artista tem participado em várias exposições colectivas, entre as quais se sublinha a realizada no Centro de Arte Moderna JAP (*Meeting Points*, 2004), na Culturgest em Lisboa (*Mediterrâneo: um novo muro?*, comissariada por Fátima Ramos & António Pinto Ribeiro, 2001 e *Um oceano inteiro para nadar*, 2000), na Culturgest do Porto (*A colecção Ivo Martins*, 2004 e *Novas aquisições da CGD*, 2002), e na Fundação D. Luís I em Cascais (Prémio de Escultura City Desk 2001).

O seu trabalho está representado na colecção da Caixa Geral de Depósitos em Lisboa e nas colecções particulares de Ivo Martins e Pedro Cabrita Reis, tal como de outros coleccionadores em Portugal.

Para mais informação e imagens por favor contactar a galeria.